



# A Personificação do Medo na Figura do Mapinguari

## The Personification of Fear in the Figure of the Mapinguari

**Edinamar Machado Thomas**

*Bacharel e Licenciada em Letras pela UNIR- Universidade Federal de Rondônia; com Especialização lato sensu em Língua Portuguesa Letras pela UNIR- Universidade Federal de Rondônia; Bacharel em Direito pela UNESC- Campus Cacoal-RO; Mestra em Letras pela UNIR- Universidade Federal de Rondônia.*

**Odir Monteiro do Nascimento**

*Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro; Licenciatura em Filosofia pelo Centro Universitário Cidade Verde; Licenciatura em Letras- Português/Inglês/Espanhol pelo Centro Universitário Cidade Verde; com Especialização lato sensu em Fundamentos e Ensinos de Filosofia, Sociologia, Antropologia pela Faculdade Ibra de Brasília; Especialização lato sensu em Docência do Ensino Superior, Gestão Tutoria EAD pela Faculdade Ibra de Brasília; Especialização lato sensu em Ensino de Sociologia pela Faculdade do Vale Elvira Dayrell; Mestre em Teologia pelo Instituto Bíblico Kerygma; Doutor em Teologia pelo Instituto Bíblico Kerygma.*

**Resumo:** O objeto deste estudo é o texto “Mapinguari”, publicado no site Gazeta do Cerrado, em 04/07/2019, Tocantins. O objetivo é demonstrar que os eventos que vão ocorrendo, durante a narrativa, a construção das personagens monstruosas é reflexo do medo universal do homem, do medo do homem da Amazônia Ocidental. A metodologia empregada para a elaboração do trabalho consiste, em sua essência, na pesquisa exploratória, na pesquisa descritiva e na pesquisa explicativa. Ao final do trabalho os autores concluem que as narrativas amazônicas comportam uma combinação entre imagens e outros tipos de representação visual que atuam em conjunto, à proporção que a narrativa evolui a descrição do Mapinguari vai se revelando e com ela o medo aterrador do homem amazônico pode ser percebido pela pluralização de vozes que narram essa personagem como assombrosa e majestosa tornando-se, com isso, a referência do próprio medo.

**Palavras-chave:** mapinguari; medo; Amazônia; narrativa; monstruosa.

**Abstract:** The object of this study is the text “Mapinguari”, published on the Gazeta do Cerrado website, on 07/04/2019, Tocantins. The objective is to demonstrate that the events that occur during the narrative and the construction of monstrous characters are a reflection of the universal fear of man, the fear of man in the Western Amazon. The methodology used for the elaboration of the work consists, in its essence, in the exploratory research, in the descriptive research and in the explanatory research. At the end of the work, the authors conclude that the Amazonian narratives involve a combination of images and other types of visual representation that work together, as the narrative evolves the description of the Mapinguari is revealed and with it the terrifying fear of the Amazonian man can be perceived by the pluralization of voices that narrate this character as haunting and majestic, thus becoming the reference of fear itself.

**Keywords:** mapinguari; fear; amazon; narrative; monstrous.

## INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta a análise do texto “Mapinguari”, publicado no site Gazeta do Cerrado, em 04/07/2019, Tocantins. O interesse dos autores desta pesquisa

nasceu pelo despertar que as leituras feitas no curso de Mestrado ocasionaram no seu entendimento sobre as histórias que compõem o extraordinário universo das narrativas amazônicas. Há uma inquietação crescente para a investigação do objeto, que possui múltiplas possibilidades de enfoques.

Para Reinhart Koselleck (2006) as narrativas contêm acontecimentos particulares como sua referência ostensiva sendo que a particularidade atinge um estado emblemático por sua incorporação em uma história que é em algum sentido genérica e cujos pormenores podem ser substituídos quando estiverem perdendo seu poder explicativo.

Nesse sentido, as narrativas amazônicas comportam uma combinação entre imagens e outros tipos de representação visual (palavras, onomatopeias, símbolos etc.) com uma intenção comunicativa. A intencionalidade da comunicação objetiva demonstrar por meio de eventos que vão ocorrendo durante a narrativa é reflexo do medo universal do homem, do medo do homem da Amazônia Ocidental.

A grande problemática do Mapinguari está no medo universal do homem, do medo do homem da Amazônia Ocidental. Nesse sentido, a personagem Mapinguari surge como uma possibilidade de personificação do medo; portanto, o objetivo deste estudo é: apesar da globalização, parece óbvio que o Mapinguari alcança o seu destino: “meter medo na alma do homem indefeso”. Nesse sentido não há como não justificar um trabalho com esse viés

O levantamento bibliográfico, utilizado neste estudo, tem o objetivo de reunir as informações e os dados que servirão de base para a construção da análise proposta. Daí porque o método bibliográfico ajuda a identificar contradições e respostas anteriormente encontradas sobre as perguntas formuladas.

A pesquisa bibliográfica, para Fonseca (2002, p. 32), é realizada:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de websites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Para que a análise consiga aflorar, é também necessária a utilização do método etnolinguístico, que tem como função principal a comunicação entre os homens; ele é responsável pela sistematização de suas experiências em relação aos fenômenos do mundo. A Etnolinguística, por razões óbvias, não é uma disciplina autônoma, mas abrange, sobretudo, o campo da Linguística e da Antropologia.

O estudo apresenta o texto do Mapinguari (corpus), que será dividido na história como se apresenta no site consultado; no aporte teórico para o qual se voltarão nossas fontes de estudo e, finalmente, na análise propriamente dita, no cotejo entre o corpus e a literatura apresentada e as conclusões dos autores.

Este estudo utilizou a técnica de pesquisa do texto “Manguari” na internet, pois esta ferramenta vem atraindo cada vez mais o interesse de pesquisadores. Seja para buscar conhecer quem são e o que fazem os usuários da rede mundial de computadores, seja utilizando a Web como plataforma para acessar informantes em pesquisas de temas tradicionais. Mas, ao contrário do que muita gente pensa, fazer pesquisa na internet não é fácil. De fato, esse tipo de pesquisa não demanda muito tempo nem grandes investimentos, seja adotada uma perspectiva quantitativa ou qualitativa. No entanto, a experiência tem mostrado que não basta conhecer e transpor técnicas e métodos da pesquisa tradicional para o ambiente online. É preciso, antes de tudo, adaptá-las considerando as peculiaridades desse universo, sua cultura, enxergar seus potenciais e limitações a fim de encontrar novos caminhos. Neste estudo, apresentamos o texto “Manguari” que se encontra publicado no site Gazeta do Cerrado.

## APORTE TEÓRICO

Segundo Bruner (2002, p. 46-47), “uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores” e acrescenta, mais à frente, que “ela pode ser “real” ou “imaginária” sem perder seu poder como história”. Em Bruner (2002, p.69), sem diminuir a importância da sintaxe, entende que o indivíduo “insere-se na linguagem” com “aptidões pré-linguísticas para o significado”. O autor consubstancia argumentando que “nós viemos inicialmente equipados, se não com uma “teoria” da mente, certamente com um conjunto de predisposições para interpretar o mundo coletivo de uma forma particular e para agir sobre as nossas interpretações”. Essas interpretações são da maior relevância para pesquisadores que querem dar voz ao pesquisado e desenvolver seus estudos em uma perspectiva etnográfica, o que é o caso dos estudos que compõem este estudo, pois a etnografia propõe a observação e análise de grupos humanos com o objetivo de tornar evidentes os significados das ações cotidianas dos sujeitos.

Para apresentar o Manguari, em sua tipicidade, personagem colossal das narrativas do Pará e da Amazônia Ocidental, elencar-se-á celeremente monstros semelhantes, sendo criaturas do pensamento dos homens na Antiguidade Clássica, na Idade Média, nas Índias Ocidentais e na África, nas terras portuguesas do além-mar (Lobisomem, Alicórnio e Olharapo), nas terras brasileiras do século XVII, nas personagens amedrontadoras de alguns povos nativos brasileiros (Jurupari, Anhanga, Curupira, Caipora/Caipora, Mboi-Tatá, do Nordeste do Brasil (Pai da Mata/Pai do Mato, Papa-Figo, Gorjala, Pé-de-Garrafa, Bicho-Homem, Labatut, Quibungo) e nas criativas adaptações consequentes do maravilhoso choque cultural nordestino e amazônico do final do século XIX e início do século XX.

É nesse emaranhado artístico que surgem o Capelobo do Pará e o multifacetado Manguari pan-amazônico. Este, contado, recontado, tem o formato descrito como, “gigante peludo com um olho na testa e a boca no umbigo” (ciclope). “Há quem diga que seus pés têm o formato de uma mão de pilão” (hipópode). “O

Mapinguari emite um grito semelhante ao grito dado pelos caçadores. Se alguém responder, ele logo vai ao encontro do desavisado, que acaba perdendo a vida” (Blêmio).

Para Vegini (2014), o Mapinguari seria apenas uma das demonstrações do medo do desconhecido e do insondável do dia a dia do povo interiorano.

De fato, a quebra na norma, pela variação excessiva, exige que o indivíduo, cujos sentimentos são o medo e a frustração, crie em si próprio a necessidade de retorno ao ponto inicial, com o qual estava familiarizado e com o qual sentia segurança e conforto. Mas, ao mesmo tempo, a sensação da fuga e da aventura é agradável e estimuladora. A aventura se caracteriza pela esperança rotulada como vínculos de estados emocionais 386, de se voltar ao ponto inicial, retomando a normatividade perdida. A esperança dessa volta, isto é, a lembrança dos momentos de conforto e de segurança, bem como a expectativa de seu retorno, garante a identidade do indivíduo, ou seja, a composicionalidade hermenêutica (Vegini, 2014).

Percebe-se que o Mapinguari, ora mais, ora menos, tem traços dos monstros universais e é, sobretudo, a encarnação do medo do ser humano pelo desconhecido. No labirinto aterrador da floresta amazônica, o homem pioneiro se sente minúsculo para absorver os mistérios que se escondem nos retraimentos da mata enquanto caminha em busca de sua sobrevivência (caça, grãos, látex etc.); e nesse afazer inseguro, continuamente cotidiano, ele enleia os fenômenos da natureza, tais como: relâmpagos e trovões, chuvas torrenciais e ventos uivantes, que derrubam árvores, que quebram galhos e reestrutura em sua mente a personagem colossal e apavorante do Mapinguari.

Há de se enfatizar que a personagem Mapinguari surge como objeto da personificação do medo, para Sampaio e Nogueira (2021): “A Amazônia é, também, inventada pela perspectiva do medo: o medo do “Outro”, do diferente, do que é decifrado sem considerar as singularidades culturais”.

O medo é agente transformador do cenário amazônico, este sentimento que o nativo causa nos colonizadores ampara-se na mitologia pagã, pois as sociedades nativas, consideradas bárbaras, assustavam o colonizador com os ditos “atos de selvageria”.

A narrativa não é só uma estrutura de enredo nem de historicidade. Para Bruner (1991), é uma forma de utilizar a linguagem. O significado simbólico depende da interiorização e utilização do seu sistema de signos como um interpretante e, por isso, precisa-se da interação com as pessoas. O domínio inicial da língua só pode acontecer com a participação na comunicação.

Para Bruner (1991), as narrativas não existem no mundo real:

Essa propriedade hermenêutica marca a narrativa tanto em sua construção quanto em sua compreensão, pois narrativas não existem em nenhum mundo real, esperando paciente e eternamente serem refletidas veridicamente em um texto. O

ato de construir uma narrativa, além disso, é muito mais do que “selecionar” eventos da vida real, da memória ou da fantasia, colocando-os em uma ordem adequada. Os próprios eventos precisam se constituir, à luz da narrativa inteira – nos termos de Propp – para se tornarem “funções” da história.

A capacidade narrativa consiste na capacidade humana de processar o conhecimento de maneira interpretativa, tendo como elemento norteador o embasamento cultural em que o indivíduo está inserido. Sendo o instituto da cultura o componente regulador daquilo que será narrado.

A perspectiva interpretativa de Bruner (1991) nos explica que o consenso não é o mais importante de uma cultura – apesar de ser necessário e de embasar as visões de mundo de quem pertence a determinada cultura –, mas o relacionamento e as disputas entre diferentes posturas de construção da realidade. A narrativa é um dos dispositivos sempre utilizados nestas lutas para manter a sua percepção do mundo.

Para Bruner (1997), “uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências, envolvendo seres humanos como personagens ou autores”. Dito de outro modo, a narrativa pode ser compreendida como uma produção simbólica e social que possibilita ao narrador não apenas dar a conhecer a sua versão da realidade, mas reconstruir esta versão no processo narrativo. O autor também chama a atenção para o fato de que cada narrativa se eleva em um contexto ou situação específicos e sua configuração depende das características do narrador e de seu(s) interlocutor(es), bem como da cultura na qual se encontram mergulhados.

Haja vista, o significado simbólico depende da capacidade do sujeito de se apoderar da linguagem e de utilizar o sistema de símbolos fornecido por sua cultura para interpretar os significados. Ressalta-se que Bruner não concebe a linguagem como um dado originário, ele apenas não dispensa a complicada relação entre natureza e cultura e sua importância para a existência da linguagem enquanto prática que estrutura a relação do ser humano com o real.

Vista sob essa perspectiva, a linguagem, em articulação com o pensamento, seria responsável por fornecer aos sujeitos recursos para que possam interpretar e construir realidades (Bruner, 1997). A produção de significados envolve as visões culturalmente lapidadas, nas quais o sujeito estabelece suas análises de si, dos outros e do mundo que, por sua vez, produzem o sentimento de pertencimento (Bruner, 1997). É dessa forma que os significados podem, no contexto cultural, ser gerados e transmitidos por intermédio de relatos narrativos que apresentam o contexto de como os sujeitos empreendem a narração de suas vidas, pois o significado cresce e é confirmado a partir do seu uso, o qual é expresso por meio de narrativas (Bruner, 1997).

Pode-se acrescentar que Bruner (1991) propôs que o pensamento narrativo opera como um instrumento cognitivo de construção de realidade. Para tanto, ele estabeleceu 10 características, quais sejam:

1) Na diacronicidade narrativa, todas as formas de representar narrativas obedecem a um “modelo mental” cuja propriedade definidora é o seu padrão único de eventos no tempo.

2) A particularidade atinge seu estado emblemático por sua incorporação em uma história, que, em algum sentido, é genérica, e cujos pormenores podem ser substituídos quando estiverem perdendo seu poder explicativo.

3) Nos vínculos de estados emocionais, cabe às narrativas apresentarem a base para interpretar por que uma personagem agiu dessa ou daquela maneira. Portanto, a interpretação está relacionada com as “razões” das coisas acontecerem e não com suas causas.

4) A composicionalidade hermenêutica surge na apresentação de uma explicação intuitivamente convincente do significado do texto (intertextualidade) como um todo à luz de suas partes constitutivas.

5) Para se tornar apta a ser contada, uma narrativa precisa ter implicitamente um enredo canônico que foi quebrado, violado ou desviado de maneira a violentar a “legitimidade” desse enredo, sendo esse o elemento da canonicidade e violação

6) A referencialidade caracteriza-se pela verossimilhança e não pela verificabilidade, a narrativa, mais que refletir a realidade, pode criá-la da mesma maneira que a “ficção” cria um “mundo” para si própria.

7) A genericidade não pode ser pensada como um modo de construir situações humanas, mas também como um guia para usar a mente, na medida em que o uso da mente é guiado pelo uso de uma linguagem habilitadora.

8) A normatividade não é histórica ou culturalmente terminal. Sua forma muda com as preocupações do momento e das circunstâncias que cercam sua produção.

9) Percebe-se a sensibilidade de contexto e negociabilidade ao se considerar o contexto, os assuntos familiares de intenção narrativa e o conhecimento partilhado.

10) O acréscimo narrativo é comum em narrativas. E é esse sentido de pertencer a esse passado canônico que permite formar as próprias narrativas divergentes, apesar de manter cumplicidade com o cânone.

Estas características referem-se aos aspectos materiais da narrativa e às referências subjetivas que atuam indiretamente sobre a realidade da narrativa.

## CORPUS DA ANÁLISE

01	Mapinguari. Os caboclos contam que dentro da floresta vive o Mapinguari, um gigante peludo com um olho na testa e a boca no umbigo.
02	
03	Para uns ele é realmente coberto de pelos, porém usa uma armadura
04	feita de casco de tartaruga; para outros sua pele é igual ao couro do
05	jacaré. Há quem diga que seus pés tem o formato de uma mão de pilão.
06	O Mapinguari emite um grito semelhante ao grito dado pelos caçadores.
07	Se alguém responder, ele logo vai ao encontro do desavisado, que acaba perdendo a vida. A criatura é feroz e não teme nem caçador porque
08	é capaz de dilatar o aço quando sopra no cano da espingarda. Os ribeirinhos amazônicos contam muitas histórias de grandes combates entre
09	Mapinguari e valentes caçadores. O Mapinguari sempre leva vantagem
10	e os caçadores que conseguem sobreviver, muitas vezes ficam aleijados ou com terríveis marcas no corpo para o resto de suas vidas. Há
11	quem diga que o Mapinguari só anda pelas florestas de dia, guardando
12	à noite para dormir. Quando anda pela mata, vai gritando, quebrando
13	galhos e derrubando árvores, deixando um rastro de destruição. Outros
14	contam que ele só aparece nos dias santos e feriados. Dizem que ele
15	só foge quando vê um bicho preguiça. O que ninguém explica é por
16	que ele tem medo justamente de seu parente, já que é considerado um
17	bicho preguiça pré-histórico.
18	
19	
20	

## ANÁLISE DO CORPUS

Para análise do corpus, os autores buscam elucidar a presença da particularidade e referencialidade no texto “Mapinguari”. Para Ferreira Neto (2009):

De certa forma, tanto o conjunto de particularidades quanto as referencialidades atuam em conjunto para a sensibilidade ao contexto e negociabilidade. Dá-se isso em função da necessidade de se manter a atenção dos interlocutores-ouvintes.

Esse instituto é salientador do fato de que as singularidades dos aspectos descritivos do monstro amazônico estabelecem uma coerência entre o fato narrado e a comunidade que faz a narrativa, porque já no início, na linha 1, da narrativa percebe-se essa evidência “Os caboclos contam que dentro da floresta vive o Mapinguari”

Em Bruner (1991), a aceitabilidade de uma narrativa não pode depender de sua correta referência à realidade. Podemos extrair do texto em estudo que esta condição pode ser observada na linha 2: “Um gigante peludo com um olho na testa e a boca no umbigo.”

A descrição deste personagem com uma forma corporal dessemelhante, convida-nos a, imediatamente, explorarmos uma história que certamente irá nos inquietar.

Já nas linhas 8 e 9: “é feroz e não teme nem caçador, porque é capaz de dilatar o aço quando sopra no cano da espingarda.”

Percebe-se marcadamente a verossimilhança e não a sua verificabilidade, pois a narrativa, mais do que referir-se à “realidade”, pode criá-la da mesma maneira que a ficção cria um “mundo” para si própria.

No texto analisado, observa-se que a posição de referencialidade pode ser atribuída ao Mapiquari, que contém os atributos externos que, no caso, se encontram na construção de uma figura monstruosa e impiedosa. A descrição detalhada do monstro amazônico pode ser verificada nas linhas 2, 3, 4 e 5.

— Um gigante peludo com um olho na testa e a boca no umbigo. (linha 2).

— Ele é realmente coberto de pelos, porém usa uma armadura feita de casco (linhas 3 e 4).

— De tartaruga, para outros, a sua pele é igual ao couro do jacaré. (linhas 4 e 5).

— Que seus pés têm o formato de uma mão de pilão. O Mapiquari emite um (linhas 5 e 6).

A referencialidade vai sendo mostrada na sequência narrativa, na descrição do sujeito Mapiquari que, além de ter uma aparência assustadora, também tem ações que amedrontam os caboclos.

— Logo vai ao encontro do desavisado, que acaba perdendo a vida (linhas 7 e 8).

— É feroz e não teme nem caçador, porque é capaz de dilatar o aço quando (linhas 8 e 9).

Pode-se verificar que as particularidades na descrição da monstruosidade do aspecto e nas ações do monstro amazônico se localizam nas ações da narrativa: “emite grito, não teme caçador, é capaz de dilatar o aço, vai gritando, quebrando galhos e derrubando árvores”.

A garantia da particularidade acontece na medida em que, ao longo do texto são colocados elementos que constroem uma descrição crescente e apavorante do Mapiquari e sua presença realmente confirmada pelos sujeitos narradores da região amazônica:

— Os caboclos contam (linha 1).

— Para uns, ele realmente é coberto de pelos (linha 3).

— Se alguém responder (linha 7).

— Os ribeirinhos amazônicos contam (linha 10).

— Há quem diga que o Mapiquari só anda pelas (linha 14).

— Outros contam que ele só aparece nos dias santos e feriados (linha 17).

— Dizem que ele só foge quando vê um bicho-preguiça (linha 18).

— O que ninguém explica (linhas 18 e 19).

A sequência dos verbos contar, responder, diga, dizem, explica estabelece um paradigma quanto à condição de que o Mapiquari é fruto do medo particular de cada caboclo amazônico, havendo, certamente, a certeza de que esse monstro pan-amazônico é morador vetusto da floresta.

Para Ferreira Netto (2009), a particularidade e a referencialidade são característica supletivas:

Pode-se imaginar, portanto, que, se a narrativa continua, então as particularidades e a referencialidade estão sendo cumpridas de acordo com o que requer a sensibilidade ao contexto e negociabilidade.

A possibilidade de variação nas particularidades e na referencialidade vai bem ao encontro do fato de o enunciador-narrador estar formulando seu discurso como uma narrativa livre, que tem forma livre e livre escolha de palavras. O tema, fortemente preso à tradição das narrativas de lobisomem, entretanto, faz parte de um temário próprio de determinadas culturas

Na medida em que a narrativa evolui e mostra a descrição do Mapianguari o medo aterrador do homem amazônico pode ser percebido pela pluralização de vozes que narram o ciclope brasileiro. Se a narrativa causa pânico aos leitores, haja vista a apresentação de criadora tão disforme, eventualmente há de se relacionar esse assombro do leitor às vozes tantas que construíram a figura majestosa do Mapianguari, que se torna a referência do próprio medo: — Se alguém responder, ele (linha 7), — Logo vai ao encontro do desavisado que acaba perdendo a vida (linha 8).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas amazônicas comportam uma combinação entre imagens e outros tipos de representação visual. A finalidade comunicativa objetiva é demonstrar por meio de eventos que vão ocorrendo durante a narrativa que a existência das personagens é reflexo do medo universal do homem, do medo do homem da Amazônia Ocidental.

Percebe-se que a problematização da construção do Mapianguari está no medo universal do homem, do medo do homem da Amazônia Ocidental.. Através das leituras feitas, foi possível perceber que a personagem Mapianguari surge como objeto da personificação do medo, sendo a narrativa causadora de pânico haja vista a apresentação de criatura tão disforme. Eventualmente há de se relacionar esse assombro do leitor às vozes tantas que construíram a figura majestosa do Mapianguari, que se torna, portanto a referência do próprio medo.

Estudar o processo narrativo é ir além da superfície, além do que foi dito, é aprofundar-se na construção da sequência dos fatos narrados, é embrenhar-se pela floresta desse processo, pois, com a narrativa é construída no processo de sua constituição enquanto singularidade e coletividade.

Enfatizando o que diz Bruner (2002), “uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores”. Esses constituintes da narrativa ganham significado de acordo com o lugar que ocupam na configuração geral da sequência como um todo, seu enredo ou fábula.”

A sequência narrativa não é estática; ela se atualiza no ser vivente. Com isso, novas interpretações podem ser elaboradas, pois a etnografia propõe a observação

e análise de grupos humanos com o objetivo de tornar evidentes os significados das ações dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

BRUNER Jerome. **Critical Inquiry**. 18(1), pp. 1-21 página – 1, trad. Waldemar Ferreira Neto.

BRUNER, Jerome. **Realidade mental, mundos possíveis**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BRUNER, Jerome. **Fazendo histórias: Direito, literatura, vida**. Farrar, Straus e Giroux. 2002

CULTURA DINÂMICA: **Dez lendas amazônicas que você não conhecia**. Gazeta do Cerrado. Palmas- TO, 04/07/2019. Disponível em <<https://gazetadocerrado.com.br/cultura-dinamica-dez-lendas-amazonicas-que-voce-nao-conhecia/#>>. Acesso em 25 de maio de 2023.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em 15 de junho de 2023.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado- Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro. Contraponto Editora. 2006.

NETTO, Waldemar Ferreira. **Tradição Oral e produção de narrativas**. São Paulo. Ed. Paulistana. 2009.

SAMPAIO, Sonia Maria Gomes; NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno. O medo sob trilhos: a presença do medo nas obras da Madeira-Mamoré, de Barros Ferreira, e Mad Maria, de Márcio Souza. In: **Circulações Transculturais: Territórios, Representações, Imaginários**. Rio de Janeiro, Edições Makunaima, 2021. p. 358 – 375.

VEGINI, Valdir, VEGINI, Rebeca Louize, NETO, Waldemar Ferreira. **O monstruoso Mapiquari pan-amazônico: uma sucessão de adaptações aloíndigenas**. Porto Velho. Ed. Temática. 2014.